

O Homem Positivo

Dalmo Duque dos Santos

“Toda efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.” – Allan Kardec

A velocidade dos tempos modernos e a competição capitalista trouxeram de volta o individualismo greco-romano, tanto no seu sentido crítico como no seu aspecto prático. A França e a Inglaterra serão os dois principais modelos de Estados Modernos, cultos e racionalizados ao extremo. Desde a Renascença seus filósofos vieram conspirando silenciosamente contra os resquícios do universo feudo-clerical. Não foi coincidência que dessas duas civilizações tenham brotado os dois mais significativos eventos da modernidade. Primeiro, a Revolução Industrial, o motor econômico impulsionador da sociedade burguesa e responsável pela consolidação do capitalismo. Os pragmáticos inventores e suas máquinas geniais surgiram da necessidade de maior produção, da sede de lucros e do reconhecimento social de uma classe que há muito vinha sendo desprezada pela nobreza. Estava em jogo, inclusive, a salvação da alma. Segundo a mais antiga tradição dos cristãos protestantes, o trabalho e a prosperidade seriam fortes indícios de que Deus estaria escolhendo os seus eleitos modernos. O segundo evento foi a Revolução Francesa, o movimento político da burguesia contra o autoritarismo do Antigo Regime, ou seja, a injusta e desequilibrada sociedade dos três estamentos: o clero, a nobreza e o “resto” (burguesia e povo). As diferenças não estavam apenas nas anomalias dos privilégios sociais, mas claramente nos dados numéricos da população. Os monarcas absolutistas governavam sentados sobre um barril de pólvora que poderia explodir a qualquer instante: No século XVIII cerca de 98% da população francesa vivia submetida aos caprichos de uma minoria de 2%. Como a França era a mais influente vitrine do absolutismo, os efeitos da revolução seriam catastróficos em toda Europa, bem como no mundo colonial. Tudo estava a favor da devastação revolucionária: povo faminto e insatisfeito, armas acessíveis e, sobretudo, idéias muito explosivas. Dessas duas rupturas que destruíram o Antigo Regime (as monarquias absolutas, os estamentos sociais, o mercantilismo e o sistema colonial) surge o novo tipo humano, cujo papel era trazer de volta ao chão os pés do Homem Metafísico, um ser em fuga, geralmente deslumbrado com a grandeza do universo. Os iluministas ainda possuíam fortes traços metafísicos e viviam em permanente estado de conflito entre a Utopia e a Razão, entre o sonho aristocrático e a dura realidade capitalista burguesa. Após os anos explosivos da Bastilha e da expansão napoleônica surge um século bastante diferente dos anteriores e muito marcante para as décadas futuras: o século 19 foi o século perigoso, o século da Ciência, do materialismo, do desencanto e do absinto. A burguesia venceu sua batalha racional e dela nasceria o Homem Positivo, o demolidor de tradições místico-religiosas, empunhando a marreta da pesquisa científica e da lógica de causa e efeito. Como personagens do Apocalipse, eles

surtem dos laboratórios e dos gabinetes dispostos a varrer os escombros da demolição iniciada por Voltaire e os subversivos da ilustração. Darwin e Spencer, protótipos positivos, fecham a Bíblia nas páginas iniciais da Gênese Mosaica e afirmam que Adão nunca existiu e que somos produtos de uma evolução seletiva da qual Deus foi apenas um espectador. Nietzsche vai além e diz que Deus está morto. Marx demonstra que a História é um jogo dialético de classes sociais dominantes e dominadas. Os socialistas utópicos são substituídos pelos científicos, que pretendem inverter à força essa perversa relação social. A Igreja reage e retrocede ainda mais no dogmatismo dizendo que o Papa é o único representante da Divindade e que, portanto, é um ser infalível e acima dos homens comuns. Está instalada a confusão entre a fé e a razão. É uma inimizade antiga na qual o clero, por exercer o status de estamento superior, havia acumulado vantagens e ódios massacando inúmeras inteligências independentes. Mas a razão preparou um revide à altura desses abusos e deseja que a agonia da religião seja levada ao extremo da asfixia. Essa polarização da arrogância clerical e do orgulho dos filósofos e cientistas materialistas era a razão de ser do Homem Positivo. Sua vida era uma investigação contínua, incessante. Tudo tinha uma razão de ser e merecia uma explicação científica. O que é o sobrenatural? O que significam o oculto e o esotérico? Eram meras hipóteses e estas precisavam ser submetidas ao teste positivo da ciência. Antes a ciência e o seu objeto de investigação se confundiam e acabavam confundindo o observador dos fenômenos, cujas explicações continuavam obscuras. Agora ela se separa do objeto e o pesquisador tenta estar o mais neutro possível. As questões sagradas e sobrenaturais do universo transcendente devem ser filtradas e trazidas para a esfera banal e natural da realidade do mundo imanente. Daí a necessidade da postura rígida, fria, calculista, cética, sem envolvimento emocional. As massas estão confusas, porém as elites continuam atentas. Nas primeiras décadas do século XIX as batalhas entre a fé e a razão serão de provocações inconseqüentes, mas ao que tudo indica elas serão mais agressivas e contundentes na medida que o tempo avança para o futuro incerto. Entre 1815 e 1850, do Congresso de Viena até ao início da segunda metade do século, no terreno político internacional, predominou uma relativa calma em relação aos tumultuados anos anteriores. Mas no terreno ideológico havia uma efervescência constante nas disputas entre o socialismo e liberalismo, nacionalismo e reação conservadora. Antes que explodissem os conflitos de 1848 e que se estenderiam até duas grandes guerras mundiais do século seguinte, a guerra de idéias entre a fé e a razão prosseguia indiferente aos acontecimentos. Eram posturas extremistas, sem possibilidade de equilíbrio: dogmas de fé versus dogmas de ciência. A diferença era apenas no colorido das paixões. Auguste Comte tentou sobreviver a esse caos ideológico, mas caiu na própria armadilha que armara para iludir religiosos falsos e falsos cientistas. Sua Igreja Positivista era a síntese patética dessa fusão horrível entre o ceticismo e crença vazia das tradições dogmáticas. Mas os eventos de Hydesville dariam um novo rumo a esse acontecimento. Uma invasão organizada de inteligências invisíveis lançariam no cenário dessa guerra um fato novo, um paradoxo insofismável. Sir Arthur Conan Doyle na sua "History of Spiritualism" relata que, tanto as mentes viciadas nas superstições e misticismos quanto aquelas protegidas pelo ceticismo, ficaram estupefatas com os fatos ocorridos inicialmente na residência dos Fox, uma família cujo chefe

era um tranqüilo praticante metodista. Espíritos de “defuntos” estavam fazendo denúncias de crimes, como o assassinato de Charles B. Rosma, morto e emparedado num porão da casa para onde os Fox haviam se mudado. O filósofo J. Herculano Pires [28] interpreta esse período histórico como uma revolução no relacionamento e entre a espécie humana e a natureza:

“Somente na era moderna, porém, essa compreensão irá se tornar efetiva. Por que só então o espírito humano amadureceu o suficiente, para que a promessa do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade, possa se cumprir. É por isso que o espírito de Charles Rosma, ao comunicar-se em Hydesville, através da mediunidade das irmãs Fox, numa família metodista, não é mais tomado como demônio ou deus, mas como o espírito de um homem. Assim aceito, Rosma pode falar do seu estado, do seu passado, e dar indicações de sua passagem ocasional pela residência em que foi morto, bem como das condições dessa morte e dos indícios existentes no subsolo, que serão encontrados mais tarde.

Rosma pode ser tomado como um exemplo do fenômeno da transcendência humana, que assinala o aparecimento da mediunidade positiva. Não encontramos mais em Hydesville, o profeta bíblico, nem o oráculo ou o pagé, mas o médium, ou seja, o indivíduo humano que se tornou capaz de servir de intermediário entre seres espirituais e carnis, ambos da mesma natureza. Rosma, o mascate, morto na casinha de Hydesville, transcende sua condição material humana, mas continua humano no plano espiritual. De mascate, passa a espírito, e como espírito se comunica, graças à mediunidade das meninas Fox. Já não estamos mais no plano místico e misterioso do mediunismo, mas no plano científico, racional, da mediunidade positiva.”

Anos antes, numa comunidade protestante da Costa Leste, almas de índios pele-vermelha tomavam de assalto os corpos de mulheres e meninas shakers, para fazer profecias sobre essa invasão de seres invisíveis no mundo inteiro. Na Europa eles começaram atirando pedras em transeuntes nas ruas e depois passaram a imitar as reuniões das meninas Fox, na qual comunicavam-se por meios de raps em mesas girantes. As batidas nas mesas funcionavam como telegramas vindos do Além. Em Paris, antes envolvida pela febre do magnetismo, o assunto virou coqueluche e alvo da futilidade das reuniões sociais. Aquilo que o célebre Jacques Cazotte fazia nos círculos festivos da aristocracia, profetizando o destino trágicos dos convidados, agora era feito por qualquer grupo de pessoas sentadas em torno de mesa. Eles falavam com os Espíritos e estes tinham uma antiga fama de saber o passado e o futuro com a mesma habilidade. Gente famosa como a escritora George Sand e o grande Victor Hugo participavam dessas reuniões sem o mínimo constrangimento e delas tiravam proveito diferenciado; com a ajuda de Madame de Girardin, iniciada nesses mistérios, travavam diálogo aberto e reflexivo com aquilo que consideravam seus gênios protetores, como os antigos oráculos. O que estava acontecendo? O mundo estava virando e ficando de cabeça para baixo? Os tempos eram chegados? Como ficaria a luta entre a fé a razão se a essência desse novo paradigma era um misto dessas duas coisas aparentemente antagônicas? Como reagiriam os remanescentes do Homem Metafísico? E os Homens Teológicos do mundo clerical? E , finalmente, como se comportariam

os Homens Positivos da Ciência materialista? O Homem Racional greco-romano havia atingido 45 graus na escala da consciência e os seus sucessores Metafísicos da Renascença e do Iluminismo talvez tenham avançado alguns pontos. Mas, no geral, havia acontecido uma estagnação. O desenvolvimento das ciências já deveria ter acelerado esse processo de auto-consciência, mas esse confronto com clero talvez tenha provocado um recuo aos 45 graus. Desde o século XV havia um impasse a ser solucionado e a equação do problema estava centralizado num debate entre a afirmação e a negação da mente. O cérebro reinava com todo o aparato acadêmico da poderosa Biologia darwiniana enquanto a mente permanecia estática no terreno da utopia e da ficção. Nem Bérghson nem Freud haviam entrado em cena para definir, desenhar e refletir sobre organismo mental humano. No entanto, os fenômenos iniciados nos Estados Unidos em 1848 e espalhados pelo mundo levantavam um outro problema que deslocava as discussões sobre esse assunto para um outro nível de investigação e debates. Os espíritos são consciências inteligentes cujo comportamento procurava demonstrar sua sobrevivência após a morte do corpo. Portanto, a discussão entre cétricos e místicos tornara-se totalmente inútil e roubava a cena para outras discussões mais imediatas: o que são e quem são esses espíritos? Como e onde eles vivem? Quais as leis que regulam suas manifestações? Porque eles se manifestam agora com tanta intensidade. Os Homens Positivos estavam acuados: ou mentiam para si mesmos e negavam que tudo aquilo não existia ou então cairiam em si e direcionavam toda sua bagagem científica para explicar tais fenômenos. Quem se arriscaria? E o prestígio acadêmico? E a perseguição clerical? Quem estava disposto a correr esses riscos? É claro que a Igreja já não era mais a mesma que não haveria uma fogueira inquisitorial a queimar o corpo, afinal o Conde Cagliostro havia sido a última vítima desses abusos em conluio com os Estados absolutistas. Mas o clero ainda mantinha grande influência sobre as instituições culturais que davam empregos a maioria dos pesquisadores. Alguns nomes tiveram essa ousadia de enfrentar o anátema clerical e deram provas públicas de amor incondicional à Verdade, custasse o que custasse. A lista começava por conhecidos magnetizadores como Anton Mesmer, Du Potet, Puissegur, e percorria uma grande constelação de gênios acadêmicos: Willian Crookes, Sir Oliver Lodge, Alexander Aksakof, Cesare Lombroso, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, Charles Richet, só para citar os mais celebrados. Muitos deles não desenvolveram vínculos filosóficos com o Neo-espiritualismo e o Espiritismo, como mais tarde outros o fizeram, mas não recuaram diante dos fatos e das evidências que tinham pela frente. Enquanto algumas personalidades tidas como gênios das Ciências deram provas de imaturidade emocional e despreparo ideológico, esses nomes citados deram um importante passo em suas vidas porque perceberam que o que estava em jogo não eram suas reputações mas suas consciências. Todos eles já haviam superado a marca dos 45 graus e queriam avançar muito além dos seus limites pessoais. Não estavam mais satisfeitos com suas características positivas e buscavam uma nova pedra filosofal que se delineava nos seus projetos íntimos para o futuro. Queriam amadurecer o fruto de um conhecimento que perseguiam há séculos e que só agora estavam compreendendo a sua devida importância. Mas nenhum deles teve um amadurecimento tão rápido com o Professor L.H. Denizard Rivail, um pedagogo francês nascido em Lyon e educado no instituto de Yverdon, na Suíça, sob os cuidados de Jean-Henri Pestalozzi. Rivail era

mais que um pedagogo: dominava os mais influentes idiomas e as principais atividades científicas do seu tempo. Muito antes que a grande maioria desses nomes citados se interessasse pelos estranhos fenômenos dos raps e das “mesas-girantes” Rivail já demonstra ser neste assunto um expert, assunto este que levava tão a sério, ou mais, do que a própria profissão que havia escolhido para ganhar a vida. Nas suas “Obras Póstumas” ele relata como foi a sua iniciação ao “Espiritismo”, palavra nova que ele criou especialmente para conceituar essa nova visão de mundo surgida a partir de fenômenos aparentemente sobrenaturais:

“Foi em 1854 que ouvi falar pela primeira vez das mesas girantes. Um dia encontrei-me com o Sr. Fortier, magnetizador que eu conhecia desde longo tempo. Disse-me ele: “Sabe o senhor da singular propriedade que acabam de descobrir no magnetismo? Parece que não são unicamente os indivíduos que se magnetizam, mas também as mesas, que podemos fazer girar e andar à vontade.” – É extraordinário, não há dúvida”, respondi-lhe. “Mas, em rigor, não é um fato que não me parece radicalmente impossível. O fluido magnético, que é uma espécie de eletricidade, pode muito bem atuar sobre os corpos inertes e fazê-los mover-se”. Os relatos publicados pelos jornais sobre as experiências feitas em Nantes, em Marselha e algumas outras cidades, não podiam deixar dúvida quanto à realidade do fenômeno.

Pouco tempo depois, tornei-me a encontrar-me com o Sr. Fortier, que me disse: “O fato é bem mais extraordinário. Não somente fazem girar a mesa, quando a magnetizam, mas fazem-na falar. Interrogam-na e ele responde.”

“Isto, retruquei eu, já é uma outra questão. Só acreditarei vendo, e quando me provarem que a mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode tornar-se sonâmbula. Até lá, permita-me que considere isso um conto para fazer-nos dormir em pé.

Este raciocínio é lógico. Eu aceitava a possibilidade do movimento por uma força mecânica, mas, ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material. Estava na posição dos incrédulos de nossos dias, que negam porque apenas presenciam um fato que não compreendem.

(...) No ano seguinte, no início de 1855, encontrei o Sr. Carlotti, meu amigo há 25 anos, que me falou desses fenômenos por cerca de uma hora com o entusiasmo que lhe despertavam todas as idéias novas. O Sr. Carlotti era corso, de natureza ardente e enérgica. Eu sempre havia apreciado nele as qualidades que distinguem uma grande e bela alma, mas desconfiava da sua exaltação. Foi o primeiro a falar-me da intervenção dos Espíritos e contou-me tantas coisas surpreendentes que, em vez de me convencer, aumentou minhas dúvidas. “Um dia serás um dos nossos”, disse-me. Ao que respondi: “Não digo que não. Veremos mais tarde.”

Algum tempo depois, em maio de 1858, eu estava em casa da sonâmbula Sra. Roger, com o Sr. Fortier, seu magnetizador. Ali encontrei o Sr. Pântier e a Sra. Plainemaison, que me falaram sobre aqueles fenômenos a que se referia o Sr.

Carlotti, mas em outro tom. O Sr. Pântier era um funcionário público de meia idade, homem muito instruído, sério, frio e calmo. Sua linguagem pausada, isenta de quaisquer entusiasmos, causou-me viva impressão e, quando me convidou para assistir às experiências que se realizavam em casa da Sra. Plainemaison, à rua Grande-Batelière, nº 18, aceitei pressuroso. O encontro foi marcado para uma terça-feira, às 8 horas da noite.

Ali, pela primeira vez, fui testemunha do fenômeno das mesas que giravam, saltavam e corriam, em condições tais que não era possível haver mais dúvidas. Presenciei igualmente alguns ensaios, bastante imperfeitos, da escrita mediúnica numa ardósia, com o auxílio de uma cesta. Minhas idéias ainda não estavam definidas, mas ali estava um fato que devia ter uma causa. Entrevi, debaixo da aparente futilidade e da espécie de diversão que faziam com aqueles fenômenos, algo sério e como que a revelação de uma nova lei que prometi a mim mesmo investigar a fundo.

Dentro de pouco tempo surgiu-me a ocasião de observar mais atentamente do que houvera podido fazê-lo antes. Numa das reuniões da Sra Plainemaison conheci a família Baudin, que morava então à Rua Rochechouart. O Sr. Baudin convidou-me para assistir às sessões semanais que se realizavam em sua casa e às quais passei a ser, desde então, muito assíduo.

Estas reuniões eram muito freqüentadas; além dos assistentes habituais, admitiam sem dificuldades quem quer que o pedisse. Os dois médiuns eram as Srtas. Baudin, que escreviam numa ardósia com o auxílio da cesta, chamada pião, descrita no "Livro dos Médiuns". Este método, que exige o concurso de duas pessoas, exclui qualquer possibilidade de participação das idéias do médium. Assim presenciei comunicações seguidas de respostas dadas a questões propostas, às vezes mesmo a perguntas feitas mentalmente, que faziam entrever, de modo evidente, a intervenção de uma inteligência estranha.

Os assuntos tratados eram, geralmente, frívolos. Ocupavam-se principalmente de tudo o que se referia à vida material, ao futuro, em suma, a nada de verdadeiramente importante. A curiosidade e o entretenimento eram o principal móvel dos assistentes. O Espírito que habitualmente se manifestava dava o nome de Zéphir, que estava perfeitamente de acordo com seu caráter e o da reunião. Todavia, era muito bom, e declarara-se protetor da família. Se muitas vezes sabia fazer rir, dava, quando necessário, bons conselhos e fazia uso, oportunamente, do dito mordaz e espirituoso. Em pouco travamos relações, dando-me ele, constantemente provas de grande simpatia. Não era um Espírito muito adiantado, porém, mais tarde, assistido por Espíritos superiores, ajudou-me nas minhas primeiras obras. Depois disse-me que ia reencarnar e nunca mais ouvi falar dele.

Foi ali que fiz meus primeiros estudos sérios sobre Espiritismo, mais pelas observações que pelas revelações. Apliquei à nova ciência, como sempre fizera, o método da experimentação. Jamais utilizei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava e deduzia as conseqüências. Através dos efeitos procurava chegar às causas pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, só admitindo uma conclusão como válida quando esta conseguia

resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores desde a idade de 24 a 26 anos. Compreendi, logo à primeira vista, importância da pesquisa que iria fazer. Vislumbrei naqueles fenômenos a chave do problema do passado e do futuro da Humanidade, tão confuso e tão controvertido, a solução daquilo que eu havia buscado toda a minha vida. Era, em suma, uma revolução total nas idéias e nas crenças existentes. Era preciso, pois, agir com circunspeção, não levemente. Ser positivo, não idealista, para não me deixar levar por ilusões.”

Referências:

[28] “ O Espírito e o tempo ”. Editora Pensamento.

[29] “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem”. Cultrix. São Paulo, 1964.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor